

## FEBRE MACULOSA: SITUAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL EM 2023

Em virtude da repercussão na mídia dos recentes casos letais de Febre Maculosa no Estado de São Paulo e da crescente busca por informações sobre o assunto de cidadãos do Rio Grande do Sul, as Secretarias de Saúde (SES) e de Agricultura (SEAPI) do Estado do Rio Grande do Sul vem a público através desta nota esclarecer sobre a situação epidemiológica no Estado.

A Febre Maculosa é uma zoonose, isto é, uma doença que pode acometer humanos e outros animais e sua **transmissão é dependente da picada de carrapatos vetores infectados**. A enfermidade é causada por bactérias do gênero *Rickettsia*. No Brasil, a doença em humanos é um agravo de notificação obrigatória, podendo causar diferentes apresentações clínicas dependendo da espécie de *Rickettsia* envolvida. Em animais não é considerada uma enfermidade de relevância clínica, principalmente no Sul do Brasil.

É importante frisar que no Brasil existem diferentes cenários epidemiológicos associados à doença, que variam na espécie de *Rickettsia* e nas espécies de carrapatos vetores envolvidos. Isto faz com que haja uma variabilidade significativa de apresentações clínicas e fatores predisponentes. Desse modo, nem todas as recomendações e medidas preventivas indicadas para uma determinada região geográfica se aplicam às outras.

De modo simplificado, **existem duas apresentações de Febre Maculosa no Brasil**. Uma forma com alto potencial de letalidade, causada pela espécie *Rickettsia rickettsii*, e uma forma mais branda e não-letal, causada pela espécie *Rickettsia parkeri*. A forma potencialmente letal (*R. rickettsii*) tem sua ocorrência classicamente restrita à região Sudeste do Brasil e, eventualmente, Paraná. O estado de São Paulo concentra a grande maioria dos casos letais de Febre Maculosa. Esta apresentação é classicamente associada a febres e manchas hemorrágicas pelo corpo. **A forma potencialmente letal de Febre Maculosa associada a *R. rickettsii* nunca foi registrada no Estado do Rio Grande do Sul** e, atualmente, devido a questões ecológicas e a uma série de estudos científicos não há motivos para acreditar que ocorra em condições naturais no Estado.

A forma mais branda da Febre Maculosa (*R. parkeri*) é distribuída por toda a zona de abrangência da Mata Atlântica e Pampa do Brasil. **A forma branda é a registrada no estado do Rio Grande do Sul**. Conforme o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN NET), entre os anos de 2007 e 2022 foram confirmados 17 casos de Febre Maculosa no Rio Grande do Sul, sem nenhum óbito. Até o momento, em 2023 não há confirmação de casos no Estado. O Estado de Santa Catarina concentra a maior parte dos casos humanos da forma branda de Febre Maculosa. **Até o momento, não há evidências que a Febre Maculosa causada por *R. parkeri* esteja associada a óbitos no Brasil**. A apresentação mais branda está geralmente associada a febre, dores no corpo e a presença de uma escara (lesão) no local de picada do carrapato.

Em relação aos carrapatos vetores de Febre Maculosa, **na maior parte do Brasil a transmissão desta doença está associada ao carrapato-estrela, *Amblyomma sculptum***. Esta espécie de carrapato é extremamente agressiva ao ser humano e pode ser encontrada em uma vasta gama de animais hospedeiros, como capivaras, cavalos, cães, entre outros. Apesar de comum em quase todo o Brasil, **o carrapato *Amblyomma sculptum* não é encontrado no Rio Grande do Sul**, essencialmente, por questões climáticas. Cabe ressaltar, que há décadas o Governo do Estado do Rio Grande do Sul mantém, através do IPVDF (SEAPI), um programa contínuo de vigilância das espécies de carrapatos encontradas em humanos e animais, visando identificar riscos à saúde humana e animal. Atualmente, 25 diferentes espécies de carrapatos são consideradas de ocorrência confirmada no Rio Grande do Sul.

**No Rio Grande do Sul, a transmissão da febre maculosa NÃO está associada ao carrapato-estrela (*A. sculptum*) e sim a outras espécies de carrapatos do gênero *Amblyomma*, encontradas em animais silvestres e, ocasionalmente, em cães e gatos**. Entretanto, é importante considerar que dados epidemiológicos sugerem que no Rio Grande do Sul, a Febre Maculosa NÃO TEM perfil de ocorrência em área urbana. A maior parte dos casos de Febre Maculosa no Rio Grande do Sul está associada a pessoas que frequentaram áreas de mata densa, em atividades ocupacionais ou de caça e trilha.

O **carrapato bovino (*Rhipicephalus microplus*) não apresenta qualquer risco de transmissão de Febre Maculosa** ao ser humano. Ainda, o carrapato comum do cão nas áreas urbanas (*Rhipicephalus sanguineus*) também não tem sido implicado como vetor relevante de Febre Maculosa no Brasil.

A principal recomendação em relação à Febre Maculosa é que em caso de uma **pessoa ser picada por carrapatos e apresentar qualquer sintoma nos dias seguintes, procurar imediatamente um serviço de saúde** e informar que foi picado por carrapato. Se possível, coletar o carrapato que picou com auxílio de pinça ou luva (sem esmagá-lo), colocá-lo em um frasco com álcool e entregar em uma Unidade de Saúde, para que seja encaminhado pela vigilância em saúde municipal para identificação e análise no LACEN/RS. Esta recomendação tem especial importância para pessoas que frequentam áreas de mata nativa ou realizam manejo de fauna selvagem nos seus ambientes naturais. Para os cães e gatos, recomenda-se buscar orientação veterinária para evitar ocorrência de carrapatos, mantendo a periodicidade do tratamento anti-parasitário.



Porto Alegre, 16 de junho de 2023.